

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
Escola de Educação**

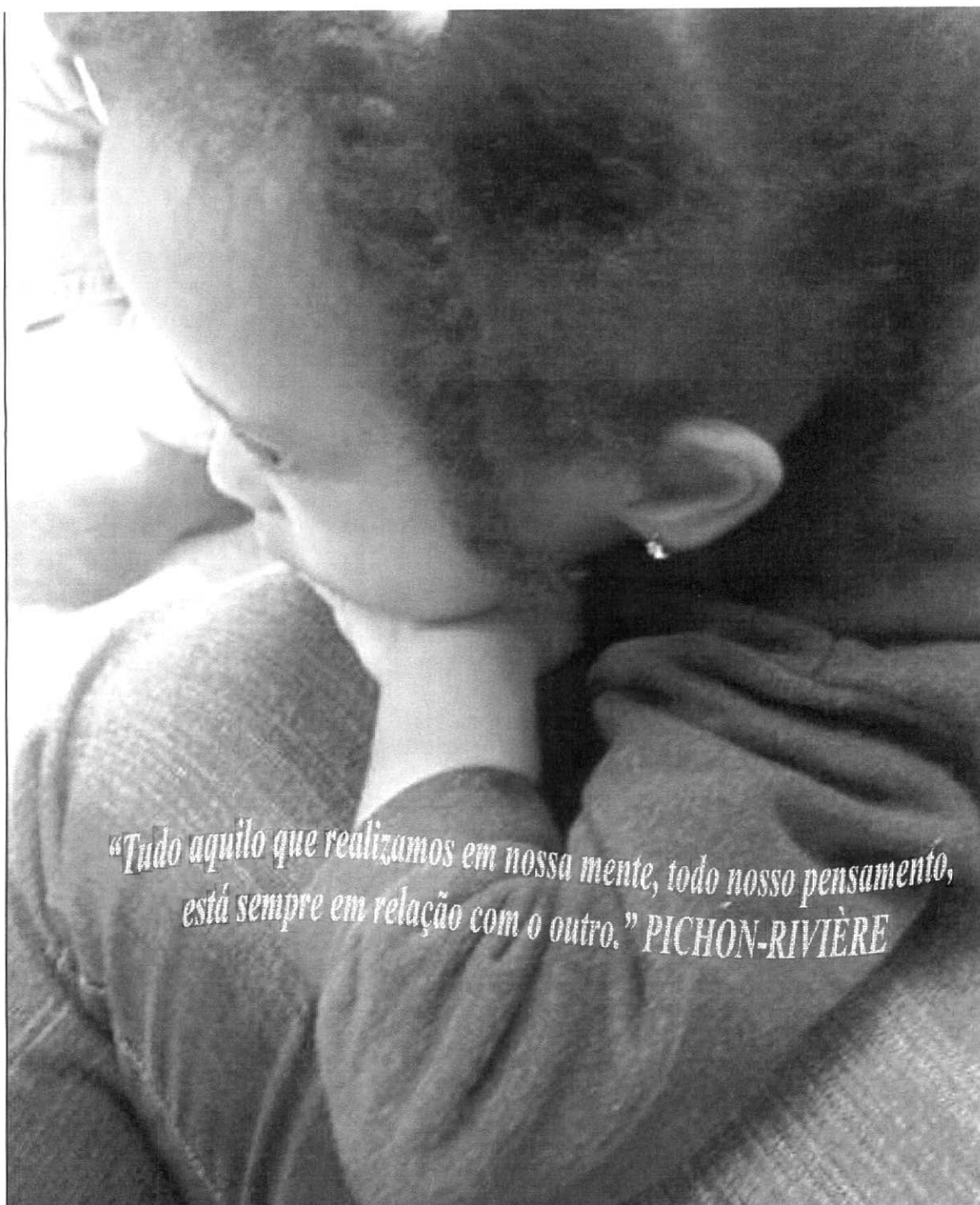
**A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO AFETIVO: UM ESTUDO DE CASO**

**Elizabeth Alves Teixeira**

**Julho de 2009**

**Sumário:**

<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>3</b>
<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>4</b>
<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<hr/>	
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1 A EXPERIÊNCIA DA DO AFETO</b>	<b>8</b>
<b>1.1 A EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA</b>	<b>12</b>
<b>1.2 DA PESQUISA À EXPERIÊNCIA OU NA EXPERIÊNCIA</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2.1 TEORIA DO VÍNCULO</b>	<b>21</b>
<b>2.2 AFETIVO E AFECTIVO, DE QUE VÍNCULO ESTAMOS FALAMOS?</b>	<b>23</b>
<b>2.3 A LÓGICA DO AFETO NA ESCOLA</b>	<b>24</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>25</b>
<b>TRILHA SONORA</b>	<b>26</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>27</b>



**Agradecimentos:**

*A pequena menininha que despertou em nós as evidências do nosso trabalho e em sua pequenez nos fez maiores e mais sábios.*

### **Dedicatória**

*A Maria Carvalho, minha mãe por atribuir a mim o legado da afeição; a Sandra Albernaz de Medeiros e Wanessa Canellas por potencializarem minha memória criadora e me apresentarem um novo tempo de criação, liberdade e afeto.*

## **Resumo:**

Este trabalho quer investigar a construção do vínculo afetivo entre quem aprende e quem ensina, por reconhecer tal construção como sendo de extrema importância para os processos de aprendizagem e por considerar o vínculo afetivo um importante aspecto nos atos de ensinar e aprender. E por entender que é necessário, em especial, a quem ensina o despertar da consciência para a existência desses processos, com intuito de aprimorar a percepção em torno de deste tema, seus aspectos positivos, negativos e suas implicações.

## Introdução

Entendemos a construção de vínculo afetivo como um aspecto de extrema importância para os processos de aprendizagem. E ainda que a valorização desses processos permite aprimorar a percepção em torno de tal construção, seus aspectos positivos, negativos e suas implicações.

Do desejo de ver mais a fundo as questões ligadas à construção do vínculo veio a necessidade de perguntar: como acontece a construção do vínculo afetivo? É possível criar um ambiente favorável para que relações afetivas positivas se desenvolvam entre professores e alunos? Qual seria a participação de quem ensina nesses processos?

Enrique Pichon-Rivière (1982) afirma que o vínculo afetivo tem três direções: psicossocial, sóciodinâmica e institucional e que para investigá-lo há que se considerar sempre a pessoa na *“dimensão humana; mas [que] ao mesmo tempo concebe a pessoa como uma totalidade integrada por três dimensões: a mente, o corpo e o mundo exterior, que [cada pessoa] integra dialeticamente”*.(pág. 12). Apoiado por tal afirmação esse estudo quer dedicar especial atenção ao aspecto psicossocial e sóciodinâmico da interação professor-aluno no cotidiano da escola tendo como foco a constituição dos vínculos afetivos que se estabelecem entre eles.

Em nossa trajetória percorremos caminhos que evidenciaram a experiência do vínculo afetivo. O mergulho, nossa imersão no campo da pesquisa provocou transformações e distingui a maneira como chegamos da maneira como saímos dessa experiência.

Trataremos ainda de constatar a relevância da relação entre quem ensina e quem aprende à luz da teoria do vínculo, da aceitação do outro como legítimo outro, da afeição e dos afetos.

O ponto de partida é nossa experiência no campo. Neste texto monográfico abordaremos a afetividade em seu sentido mais amplo para propor um novo olhar e uma nova prática a partir dela. Visamos preconizar a afetividade como elemento e ferramenta nas práticas educativas, elemento no sentido da observação atenta de sua presença nas interações professor aluno.

Ferramenta no sentido de sua utilização em conjunto com as metodologias pedagógicas.

Para observar de perto essa dinâmica optamos por adentrar o cotidiano de uma escola de educação infantil e ensino fundamental através do estudo etnográfico, que começou dessa forma e depois evoluiu para um estudo de caso, por força das experiências vividas, como trataremos no capítulo a seguir.

## Capítulo 1

### **1 A EXPERIÊNCIA DO AFETO**

Em nossa trajetória como estudante tivemos várias experiências de afeição, umas mais marcantes que outras. Iniciaremos por relatar, em especial, a que foi vivenciada no quinto ano do Ensino Fundamental (naquela época, quarta série) quando fui aluna de “uma figura de dar medo”, grande em todos os sentidos da palavra, de voz forte, grave ao ponto de gritar (sim, ela gritava) no quarto andar e ser ouvida no térreo.

Era uma professora muito rígida, dura mesmo. A maioria dos estudantes tinha medo dela, até porque dava impressão de ser uma vilã saída de uma história infantil, daquelas bem más. E para minha surpresa essa “criatura” me chamava de “minha bonequinha”. Nunca fui aluna excelente e nem modelo de comportamento. Não havia mudado a partir daquele momento e tinha medo dela, como todos os outros alunos. Ficava quieta por isso, mas continuava sendo a “arteira” de sempre.

O que causa mais estranheza é o fato de ela ter me acolhido. Ela não me tratava com a rispidez habitual, não gritava comigo, era amável, paciente mesmo, para meu total espanto e de minha mãe também, que acreditava que eu tinha algum mérito naquilo. Não, eu não tinha. Tanto naquele tempo como agora sei disso. O que aconteceu entre mim e aquela professora? Que “coisa” é essa? Como os personagens na escola podem vincular-se uns aos outros, de que maneira isso acontece e qual a relevância dessas relações nas interações dentro daquele espaço? Para tentar responder as essas questões é que resolvemos refletir sobre vínculo afetivo.

O relacionamento que se estabeleceu entre nós me trouxe certo orgulho, uma “sensação” de privilégio, pelo fato de não ser tratada como os outros alunos, além de poder contar com a amorosidade daquela professora que era tão ríspida com os demais. Isso marcou minha história, da tal maneira que essa mesma sensação continua viva até hoje.



Mas em algumas experiências, professores e professoras podem simplesmente não querer a troca com seus estudantes, às vezes até sem um motivo aparente, sem um conflito claro, por razões que não se pode identificar numa análise objetiva.

Muitas questões ligadas às dificuldades de aprendizagem que, em grande parte dos casos, busca-se solucionar por meio de metodologias, acreditamos poder chegar a uma melhor solução através da construção de vínculo entre quem ensina e quem aprende. O vínculo pode favorecer a troca e o entendimento antes dos processos essencialmente pedagógicos. Daí o desejo de pesquisando, reunir elementos que possam colaborar com a identificação dessas situações e entraves e para propor a reconstrução dessas relações. Visando oferecer portas de saída para quem ensina e acessos para quem aprende. Queremos contribuir com estas reflexões a fim de que o exercício pedagógico seja constituído não de trocas de conhecimento apenas, mas também de uma relação positiva no que diz respeito ao campo dos afetos nas relações pedagógicas.

Onde poderíamos observar essa dinâmica? Obviamente dentro de uma escola. Mas havia a vontade de sair do lugar comum, tradicional, queríamos uma nova experiência diferente das que já havíamos vivenciado durante a graduação. Não desejávamos um espaço tradicional, onde os movimentos, os papéis e até mesmo algumas ações já eram previstas, queríamos um lugar novo, diferente.

Certo dia conversando uma menina de nove anos, aluna de uma escola particular, ela comentou com alegria e um brilho nos olhos o quanto gostava de sua escola. Aquilo chegou de maneira diferente a nossos ouvidos e depois ao cérebro. Uma escola em que as crianças têm prazer em estar. Talvez esse fosse o lugar diferente que procurávamos.

Em grande parte dos casos as crianças vêm a escola como lugar de obrigação, aonde se vai cumprir horário, com ansiedade pela hora do recreio e da saída, que é vista como momento de libertação. A descrição daquela aluna dava conta de um lugar de alegria, aprendizado e liberdade.

Pesquisando sobre a escola descobrimos tratar-se de uma instituição montessoriana. Aqui, pensamos que é interessante dizer algumas palavras sobre Maria Montessori.

Maria Montessori foi a primeira mulher a se formar em medicina na Itália. Em decorrência de seus estudos iniciou um trabalho com crianças com necessidades especiais na clínica da universidade, vindo posteriormente a se dedicar a experimentar em crianças sem comprometimento algum, os procedimentos usados na educação dos que tinham comprometimento. Daí nasceu o método Montessori ou pedagogia Montessoriana que consiste em harmonizar a interação de forças corporais e espirituais, corpo, inteligência e vontade. Tal método tem por objetivo a educação da vontade e da atenção, com o qual a criança tem liberdade de escolher o material a ser utilizado, além de proporcionar valorizar a cooperação. Os princípios fundamentais do sistema Montessori são: a atividade, a individualidade e a liberdade. Enfatizando os aspectos biológicos, pois, considerando que a vida é desenvolvimento, achava que era função da educação favorecer esse desenvolvimento. Os estímulos externos formariam o espírito da criança, precisando, portanto, serem determinados. Assim, na sala de aula, a criança era livre para agir sobre os objetos sujeitos à sua ação, mas estes já estavam preestabelecidos, como os conjuntos de jogos e outros materiais que desenvolveu.

O material criado por Montessori tem papel preponderante no seu trabalho educativo, pois pressupõem a compreensão das coisas a partir delas mesmas, tendo como função estimular e desenvolver na criança um impulso interior que se manifesta no trabalho espontâneo do intelecto. <sup>1</sup>

Partimos então em busca de conhecer de perto aquela escola. Após alguns contatos telefônicos fizemos nossa primeira visita em que conhecemos a direção da escola, apresentamos a temática do nosso trabalho e conhecemos também uma das professoras. Ainda era época de férias e então agendamos uma data no começo das aulas para voltar e iniciar as observações. Passado algum tempo retornamos a escola e tivemos a oportunidade conversar com a equipe de professoras, expor mais uma vez nosso tema e sondar o ambiente para perceber como seria a recepção.

---

<sup>1</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Montessori> Data do acesso 29/06/2009.

Conversamos com quatro professoras além da diretora do colégio e sua auxiliar. Percebemos que duas delas foram bastante receptivas à nossa proposta. Seguindo conselho de Garcia (2001) em não sermos estranhos ao chegar no espaço da sala de aula, quisemos essa conversa para conhecer e nos dar a conhecer. Disponibilizar-nos, oferecer-nos, com a proposta de observar as interações ocorridas ali, mas sem que essa observação fosse algo invasivo, com o máximo de esforço em fazê-lo com *indispensável cuidado, a atenção, a delicadeza, a sensibilidade para o outro* (idem, p.18).

Para isso era necessário quebrar o paradigma da postura gélida e distante, da neutralidade do pesquisador. Estávamos lá para observar um tema, mas essa observação nos exigia envolvimento com as pessoas, que elas sentissem que tinham acesso a nós, ou isso, ou nossa pesquisa estaria fadada a fracassar. Desde bem cedo percebemos que não seria possível pesquisar sobre vínculo afetivo sem estabelecer vínculos. E nos empenhamos em chegar com a amabilidade necessária para que o estabelecer de relações, as trocas, ocorressem.

## 1.1 A EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA

Nossa escola fica localizada no bairro de Colégio, Zona Norte do Rio de Janeiro. Foi fundada em 1987 para atender, a princípio, os filhos dos funcionários da fábrica que se situa no terreno ao lado. Sete anos mais tarde, com a diminuição do número de funcionários, a escola foi aberta à comunidade.

O terreno é bastante grande, composto por duas casas que foram adaptadas para abrigar a escola. A primeira casa tem duas salas de aula, a sala de artes, o laboratório de informática e a sala da direção. No centro há um parquinho com areia e várias brinquedos. Atrás do parquinho fica a segunda casa onde além de uma sala aula há também a cozinha e o refeitório. O terreno é bastante arborizado e tem muitas plantas. Além dos brinquedos do parquinho, na frente há uma casa de bonecas.

Nos fundos do lado da segunda casa fica a quadra onde as crianças praticam atividades esportivas.

Talvez pelo fato de constituir-se por casas o ambiente é bastante aconchegante. Pela manhã as crianças menores ficam no pátio em frente ao parquinho de areia tomando sol e brincando com as plantas enquanto as auxiliares tomam conta delas e conversam animadamente.

As crianças têm total liberdade para se movimentarem nas dependências da escola, apesar de haver sempre alguém tomando conta delas, cuidando para que não se machuquem ou se percam, mas elas estão sempre à vontade.

A divisão das turmas é feita de maneira diferente, a escola não utiliza a seriação. As crianças são divididas por idade em turmas são denominadas agrupadas. De bebês até quatro anos: agrupada I; de quatro a seis anos: agrupada II e assim por diante.

A sala de aula da turma que escolhemos observar é bastante ampla. Tem vários armários baixos com materiais concretos, lápis de cor, brinquedos e um cantinho onde há roupas, fantasia de palhaço, um lindo vestido azul, chapéus e outros acessórios que as crianças podem usar em seus momentos de brincadeiras. Há também o espaço de atividades de vida diária, uma mini área de serviços onde as crianças fazem atividades como dar banho em

bonecas, lavar a uma pedra (sim, uma diferença bastante peculiar, as meninas dão banho nas bonecas, já os meninos lavam uma pedra). Há ainda um sofá ao lado do cantinho onde ficam os livros, não é incomum achar um dos pequenos com um livro na mão deitado no sofá lendo. É um espaço bastante agradável.

## 1.2 DA PESQUISA À EXPERIÊNCIA OU NA EXPERIÊNCIA

Nosso prisma para observar o vínculo afetivo vem da linguagem não verbal mais tenra, aquela experimentada pela mãe e o bebê em seus primeiros meses de vida. Aquele estágio da relação em que primeiro, a mãe se estabelece como o ambiente do recém nascido, tornando-se quase que como ele para entender e atender suas necessidades, permitir que aos poucos ele se reconheça como outro e vá estabelecendo suas relações com mundo ao seu redor. Pensando com Winnicott (1999), o momento do olhar atento da mãe para a criança é um esforço para as perceber as necessidades e interpretar os desejos do bebê, a partir de suas expressões.<sup>2</sup> É a partir da ótica daquele conjunto de ações e emoções que pretendemos pensar as vinculações ocorridas no ambiente da pesquisa, enforçando-nos ao máximo para perceber, as mínimas, contudo significativas manifestações que dão conta das interações e vinculações ocorridas no ambiente da escola. Um olhar, um sobressalto, um sorriso, a iniciativa do abraço, nossa intenção é explorar as pequenas manifestações, em especial aquilo que está antes da palavra.

Para isso escolhemos o método etnográfico por reconhecer nele a melhor maneira de explorar o cotidiano e acompanhar o desenrolar dessas pequenas manifestações.

E foi assim que nos propusemos a observar, dispostos a receber aquilo que o ambiente tinha a nos oferecer, comportando-nos da maneira mais receptiva e atenta possível.

---

<sup>2</sup> MACEDO, Heitor O' Dwyer de. Do amor ao pensamento: a psicanálise, a criação da criança e D. W. Winnicott/ Heitor O' Dwyer de Macedo; tradução de Mônica Seincman – São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 1999.

“O início do trabalho de campo envolve saberes, teorias e experiências já conhecidos, sem dúvida, mas o espaço escolhido de pesquisa é sempre uma surpresa. Isto significa dizer que não é possível prever o que iremos encontrar no campo que escolhemos para mergulhar (...).” (MEDEIROS, 2009, p.19).

O que nós não sabíamos era que nossa chegada ao campo nos surpreenderia e mudaria nossos pressupostos. Tínhamos a idéia de que havia vinculações afetivas entre a professora e seus alunos estritamente. Nossa intenção era chegar, colher elementos dessas relações e então comparar a Teoria do Vínculo de Pichon-Rivière e os escritos sobre a Educação de Humberto Maturana. O que queríamos era chegar à escola, interagir com as professoras, as crianças e os demais participantes da comunidade escolar, observar a relação da professora com seus alunos, extrair dessa relação elementos para posteriormente versar sobre o nosso tema e assim executar nosso trabalho. Contudo não foi bem assim, como organizado previamente, que tudo aconteceu.

Escolhemos a princípio a etnografia como método por perceber nele a possibilidade de entrar no ambiente da escola, familiarizar-se e então pensar a luz prática aquilo que já havíamos pensado nas leituras preliminares.

“(...) reconhecer os elementos e então estranhá-los (...) O trabalho do etnógrafo, que se propõe a ficar atento ao que se considera banal e pequeno, é o de deixar que sua sensibilidade memorial escreva, nele próprio, seu texto. Este etnógrafo não constrói representações estanques já não lhe interessa o já concluído e sem movimento. Ele se deixa tocar pelos processos em andamento”. (MEDEIROS, 2009, p.15).

Mas campo exigiu um passo a mais, como veremos a seguir. Começamos então nossa observação:

A proposta, quando chegamos à escola, era investigar o vínculo afetivo na relação professor aluno, perceber o que se desenrolava na interação da professora com as crianças e o que se produzia do ponto de vista das afeições ali presentes.

A equipe de profissionais nos recebeu com cordialidade, em especial a professora auxiliar da turma que encolhemos observar. Foi-nos permitido o acesso a todos os locais da escola e podemos transitar livremente pelos espaços. Todas as pessoas eram amáveis no trato e isso se estendia também às crianças. A recepção por parte delas foi atenta e curiosa, como é pertinente da infância e também muito simpática.

Partimos na busca dos objetos de nosso estudo, professor e aluno, suas interações e afeições – como se realizavam essas trocas afetivas. A priori, nesse caso, tínhamos a intenção observar a professora e seus alunos e os vínculos estabelecidos entre ela e as crianças. E mais especificamente a professora os vínculos afetivos estabelecidos por ela e suas afecções<sup>3</sup>. Mas surgiu aí o primeiro impasse: os alunos. Observaríamos todos eles? Numa turma composta por aproximadamente dezesseis crianças, talvez não nos fosse possível observar de maneira clara a interação e os afetos entre todos os seus alunos. Contudo a dinâmica dos acontecimentos logo se encarregou de resolver esse primeiro impasse.

Fomos procurar a professora da turma Agrupada II, havíamos conversado com ela em nossa primeira visita a escola e a boa impressão daquela primeira conversa se repetiu no dia da conversa com as professoras, talvez por identificação. Mais tarde viríamos a descobrir muitos pontos em comum. Era véspera do dia das mães e a professora preparava corações vermelhos para que as crianças desenhasssem suas mães. Depois de alguns poucos minutos de conversa com a professora chegou à sala uma pequena criatura de no máximo oitenta centímetros de altura, foi até a mesa e disse: - Eu quero pintar! Essa frase foi repetida umas doze vezes, sem exageros, com uma voz fininha e baixa, até que a professora respondeu e lhe entregou um coração para que ela fizesse seu desenho. A partir daquele momento nossa atenção foi capturada por aquela menininha de pernas e braços fininhos e tranças nos cabelos. Ela foi para o círculo onde outras crianças também pintavam seus corações, seu acesso à caixa com canetinhas e lápis. Não foi fácil, talvez por ter chegado depois as outras meninas que não a estavam

---

<sup>3</sup> Consideramos aqui o sentido de afecção à luz da teoria de Spinoza, no sentido daquilo que nos toca, nos mobiliza potencializa o surgimento dos afetos que podem desdobrar-se em positivos ou negativos.

deixando pegar os lápis. Ainda assim ela chorou, reclamou e insistiu até que conseguiu E, então, se esparramou no chão e pôs-se a pintar.

Em seguida as crianças foram para o refeitório almoçar e eu fui até a sala das crianças. A professora auxiliar estava arrumando os colchonetes para a “soneca” das crianças e eu fui ajudá-la. Enquanto arrumávamos tudo ela contava de suas experiências da época da faculdade, também de seus estágios, de uma de suas professoras com quem havia estagiado que era bastante exigente e sempre cobrava dela e das outras estagiárias, dinamismo e envolvimento com as crianças durante o tempo de estada em sala. E reconheceu a importância dessa interação para sua prática hoje.

Camas prontas as crianças começaram a voltar do refeitório e a se acomodar – ou pelo menos tentar sem muita vontade de conseguir. Sentamos num colchonete que estava vazio, do lado um armário, onde depois havia outro colchonete arrumado a espera de uma criança. Para surpresa nossa o colchonete pertencia à pequenina a quem nos referimos no nosso diálogo inicial com a professora. Ela chegou sem muito sono, como a maioria das crianças, sentou-se no colchonete, estava inquieta. A professora auxiliar disse que ela fosse dormir. Deitou-se, mas continuou resistindo ao sono. Sentou-se e falava baixinho, parecia falar consigo mesma. Foi saindo do colchonete e em pouco tempo, lá estava ela, sentada ao meu lado, encolhida num vão entre um colchonete e outro, com a cabeça na minha perna. Aqueles foram instantes de “maravilhamento”, fiquei sem saber o que fazer. Alegre, surpresa, sem ação, alguém tão pequeno ali de modo tão intransigente e sensível, me aceitando, pedido atenção e ao mesmo tempo impondo sua presença, instalando-se.

Foi um breve momento, contudo, muito marcante. Naquele exato instante criou-se o vínculo entre mim e aquela pequena criatura. Ali entendi a expressão “vínculo afetivo”, nossas histórias pregressas convergiram e nos levaram até ali. Eu, tendenciosa que sempre fui a defender os menores, estar sempre “do lado de quem está perdendo”, que fui aluna de creche, ficava no semi-integral e ainda tenho vivos estes momentos em minha memória afetiva. As lembranças daquelas horas intermináveis de fim de tarde e começo de noite em que ficava esperando minha mãe ir me buscar enquanto as outras crianças iam embora. De certa maneira fui “reconhecida” por aquela menininha. A professora auxiliar disse em tom definitivo para que ela deitasse no seu



colchão e fosse dormir, ela foi contrariada, choramingando, mas foi. Certo sentimento de culpa, uma sensação de “eu devia ter feito algo”, me veio nesse momento. Ela deitou brava e eu por força de outra atividade levantei. Depois de algum tempo fui embora, tomada por uma emoção diferente, um aperto, uma vontade de não ir, de ficar lá e prolongar mais aquela convivência.

Voltei na semana seguinte e lá estava aquela que agora era minha velha conhecida. Ao me ver sorriu e disse – Oi tia! Não lembrava meu nome, então, chamou de tia mesmo. Naquele momento as crianças estavam lanchando no refeitório e a pequena logo tratou de dizer: - Senta aqui tia! Eu que não queria mesmo resistir, me sentei ao seu lado, e ela se pôs alegremente a comer seu pedaço de banana. Terminado o momento do lanche era hora de ir para sala e aula. A criaturinha pegou minha mão e disse sorridente: Vamos tia! Aquele dia transcorreu assim, tudo que ela ia fazer eu era convocada a participar. A certa altura quando as crianças estavam fazendo suas atividades já na sala de aula, sentei no “cantinho da leitura” e peguei um livro. Menos de um minuto depois, lá estava a menininha sentada com um livro também.

Terceiro dia na escola e a pequenina não se encontrava lá. Sentei na roda com as outras crianças, um outro pequeno menino de lindos olhos verdes sentou-se do meu lado direito. No dia anterior não havia ido à escola. E a primeira pergunta que o pequenino fez foi: - Por que você não veio naquele dia? Expliquei a ele o motivo da ausência e então continuamos a conversa. Ele me fez carinho, pulou para o meu colo e falou de seus brinquedos, nesse momento um outro pequeno chegou do lado esquerdo e também começou a falar de seus brinquedos. Eles começaram a competir na conversa disputando qual dos dois tinha o maior número de acessórios e brinquedos de cada super-herói. Percebi enquanto conversava com os meninos que a professora, que também estava sentada no círculo, era “penteada” por uma outra pequenina que utilizava como acessório nada menos que seis lápis de cor. Chamou minha atenção o acesso que a professora permitia à menininha. Ela continuava a conversar com as outras crianças e não achava ruim ser “cobaia”, enquanto isso um outro aluno sentou no colo da professora e ela continuava ali conversando com eles, tranquilamente.

Fomos para o refeitório para o lanche da manhã, algum tempo depois a pequenina chegou, no colo do pai chorando muito, tinha tomado uma vacina e

estava bastante indisposta, não queria que o pai fosse embora. Quando ele a deixou ela chorou mais ainda. A professora auxiliar pediu que eu ficasse com ela porque maioria das crianças já havia terminado de lanchar. Aceitei de pronto. Ela ainda chorava bastante e repetia: - Meu pai, meu pai! Tentei explicar, em vão, que seu pai tinha ido, mas iria voltar, ela não deu atenção, queria mesmo era chorar. Depois de uns minutos se acalmou. Era hora da educação física, mesmo ainda chorosa ela me puxou pela mão e fomos para a quadra da escola. Tentei mais uma vez fazer com que parasse de chorar, mas toda vez que lembrava do pai ou da vacina tornava a chorar. Com o desenrolar das atividades terminou por se esquecer do choro e tudo voltou ao normal.

Quando as crianças voltaram para sala tive uma conversa rápida com a professora: "Aqui a gente é como uma família, ri, briga, brinca tudo como numa família mesmo!" E de fato, era assim a interação das crianças e dos profissionais da escola, como uma grande família.

Quarto dia: cheguei à escola bem cedo e os bem pequenos da turma Agrupada I estavam tomando sol no pátio e algumas das professoras estavam tomando conta deles, uma delas era a professora auxiliar que atua na Agrupada II. Ela me recebeu com um abraço e um efusivo bom dia. Fui tomada de surpresa e ao mesmo tempo fiquei feliz pela calorosa recepção.

Aos poucos as outras crianças foram chegando, então fomos para a roda, e como de costume as crianças cantaram e fizeram a "chamadinha". Como era dia do brinquedo cada criança pegou seu brinquedo e foi para o pátio. Enquanto observávamos as crianças brincando a professora me contou que minha pequena amiga nascera de sete meses e tinha intolerância à lactose. Tive vontade de saber mais sobre isso, mas duas crianças envolveram-se numa pequena briga e a professora teve que ir resolver. Continuei observando a brincadeira das crianças e achei interessante que as meninas brincavam separadas dos meninos, até que um deles, sem motivo, por travessura mesmo, encheu a mão de areia e jogou nas meninas. Foi uma confusão. As meninas chorando com os olhos cheios de terra, a professora auxiliar correndo atrás do pequeno travesso. Foi bastante engraçado aquele momento.

Último dia: cheguei com certa nostalgia, sabendo que encerraria aquele tempo tão intenso, tão cheio de cores e sensações. As crianças já estavam na

educação física, inclusive a pequenina que quando me viu “se acendeu” e quis vir em minha direção, mas, como tinha atividade para fazer a professora de educação física a chamou de volta. Aproveitei que ela se envolvera nas atividades para tirar fotos, depois da educação física as crianças foram para sala ensaiar a música que estavam preparando para a festa junina. Sentamos na roda, e, é claro que a menininha veio ficar ao meu lado. Ela demonstrou querer ficar no meu colo, mas a convenci a sentar na roda como as outras crianças. Ela aceitou, sentou-se na minha frente com a intenção de pular para o meu colo na primeira oportunidade. Coloquei-a ao meu lado. Demonstrou ter ficado meio contrariada, mas depois aceitou, debruçou-se na minha perna enquanto ouvíamos a professora explicar sobre a festa. Exatamente como aparece na foto da página 3.

Depois da explicação, a professora auxiliar colocou a música da festa, ficamos ouvindo e cantando juntos para depois ensaiar a coreografia. A pequenina ia para o meio da roda, mas sempre voltava para perto. Muito interessante notar que quando percebia que tinha se afastado, logo procurava voltar. Quando souberam que aquele era meu último dia as crianças me convidaram para voltar no dia da festa junina e eu, claro, aceitei o convite. Depois do ensaio, parte deles foi para a aula de inglês e comecei então as despedidas: fui à sala da aula de inglês, despedi-me das crianças, minha pequena amiga me abraçou apertado. Me despedi, com um nó garganta dela e dos demais. E esta foi minha breve, porém marcante experiência de afeto, afeição, afecção, afetividade.

Depois desta experiência entendemos que estava proposto diante de nós não mais um estudo etnográfico, mas sim um estudo de caso. Esse era o passo a mais que os “atravessamentos” ocorridos na experiência no campo nos exigiram.

Sem alternativa diante de tal imposição nos rendemos e partimos então com a impressão transformada de volta à teoria, claro que agora vista de outra forma acrescida e enriquecida pelo cotidiano, pela vida no campo da pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 Teoria do vínculo

“Rivière foi e é um verdadeiro mestre para todos nós que formos seus discípulos ao cumprir a premissa de todo mestre: a sua generosidade demonstrada constantemente no esforço por ensinar a seus discípulos a difícil arte de aprender a pensar por si mesmo e capacitá-los a redescobrir a ordem e harmonia existentes no universo.” (TARAGANO, 1982, p. 12).

Decidimos pesquisar o vínculo afetivo a partir de sua gênese. Encontramos na **Teoria do Vínculo** de Pichon-Rivière (1982), psiquiatra e psicanalista argentino, elementos bastante interessantes quanto à estruturação e a dinâmica do vínculo. Não só sua teoria, mas também sua práxis evidenciam a relevância da vinculação afetiva na relação entre quem aprende e quem ensina.

Pichon-Rivière elabora a investigação social em três dimensões: psicossocial, sociodinâmica e institucional, também aborda a concepção do homem na dimensão humana integrada por mente, corpo e o mundo exterior. Entende o ser humano não como ser isolado, mas incluído numa totalidade. A *“dimensão psicossocial que parte do indivíduo para fora; a sociodinâmica, que analisa o grupo como estrutura; e a institucional, que toma todo um grupo, toda uma instituição ou todo um país como objeto de investigação. Não existe uma separação clara entre os campos de investigação psicossocial, sociodinâmica e institucional: são campos que vão se interagindo sucessivamente”*. (idem p. 24).

Considerando a Psicanálise, Pichon-Rivière explica que trata-se de uma situação viva estabelecida entre o analista e o paciente, uma relação em espiral, uma relação dialética onde aquilo que um sente o outro traduz.

Nossa experiência tornou mais evidente a dimensão psicossocial, inserida na estrutura do grupo, dentro do espaço da escola, portanto também sociodinâmica e institucional, mas, sobretudo psicossocial. Nosso encontro com aquela menina gerou de imediato uma afecção que depois se

transformou em afeição. Isso promoveu mudanças radicais em nossa proposta de trabalho e mais ainda em nossa maneira de perceber nosso objeto de investigação. Até aquele momento tínhamos um modelo hermético de vinculação afetiva e afecção que ainda não havia sido vivenciada como experiência consciente. A partir daquela experiência passamos a entender que o vínculo pode ocorrer de maneira imprevista e em circunstâncias inesperadas.

Em nosso trabalho quisemos realizar uma transposição do método da teoria do vínculo para o ambiente escolar. Observar o que se utilizou na investigação psicanalítica para ressaltar sua relevância, sobretudo no que tange a vinculação afetiva. Assim Pichon-Rivière (idem) comenta:

“Na situação analítica o observador não está isolado da experimentação porque todo observador é, em certo sentido, participante. Isto nos leva à necessidade de aproximar o mais possível a situação analítica da situação experimental. O observador sempre está comprometido na investigação – seja qual for a natureza desta – tanto afetiva quanto ideologicamente. Os resultados vão afetar os dois integrantes da situação, modificar sua história pessoal e sua posição no mundo.” (idem, p. 99).

Isso foi exatamente o que aconteceu conosco: a experimentação produziu uma situação que afetando-nos exigiu a mudança, o deslocamento da posição de mero observador para observador e participante em resposta a afetação.

Qual a relevância de ceder a essa dinâmica, perceber e deixar-se modificar pela experiência do vínculo afetivo? É o que buscaremos responder a seguir.

## **2.2 Afetivo e afectivo, de que vínculo estamos falando?**

Entendemos o afeto como integrante importante da relação de ensino aprendizagem. Mas não consideramos o afeto somente no sentido da afeição, amorosidade, mas também e especialmente o afeto no sentido daquilo que nos toca: a afecção.

Essa distinção encontra-se presente na teoria da afetividade humana de Spinoza.

“Em seu livro *A Ética à maneira dos geômetras* mostra que há duas palavras no latim: “affectio” e “affectus”. Em algumas traduções mais antigas, estas palavras aparecem traduzidas da mesma maneira, o que configura uma grande confusão. No português encontramos facilmente duas palavras que correspondem rigorosamente a affectio e affectus que são “afecção” para affectio e afeto para affectus (...).” (CANELLAS, 2008. p. 87).

Em Spinoza, afecção é aquilo que nos afeta e produz afeto que pode ser positivo, como a alegria, a afeição ou afetividade; ou triste: a impotência e as afetações negativas, que nos paralisam, nos obscurecem.

A intenção aqui é trazer a tona o que nos desperta afeição e o que nos afeta. Os dois, afecção e afeto sempre estiveram presentes nas relações cotidianas, mas, talvez, não tenham sido observados em primeiro plano dentro do ambiente escolar. Nossa trajetória no campo da pesquisa foi um exemplo claro de afecção positiva: o encontro de duas histórias distintas que teve como resultante a afeição. Um bom encontro que proporcionou uma experiência de amizade, breve, porém intensa.

Nosso intuito é chamar a atenção, sobretudo de quem ensina, para a importância de perceber-se como alguém que afeta e é afetado, tem e provoca afeição e para a relevância de passar a considerar esse ponto como elemento de suas práticas cotidianas.

### 2.3 A lógica do afeto na escola

Em *Emoções e Linguagens na Educação e na Política* MATURANA (1998) diz:

“(...) não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. (...) O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro, e ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre o tempo todo de maneira recíproca. (...) Como vivermos é como educaremos, e conservaremos no viver o mundo o mundo que vivermos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver” (p. 23, 29 e 30).

A citação acima evidencia a importância da relação entre quem ensina e quem aprende como ferramenta nos processos pedagógicos, assim como o que acontece entre os sujeitos enquanto estão envolvidos nos processos de ensinar e de aprender. Tais idéias valorizam também a importância das emoções envolvidas nesse processo.

Para isso voltamos nossa atenção para o entre lugar, ou seja, o momento que se refere às afecções e afetos presentes no cotidiano e que se distingue de metodologias e práticas pedagógicas. Aí se processam as afeições e afecções e o que podemos fazer delas enquanto elementos de nossa prática cotidiana. Nessa perspectiva consideramos o vínculo, a afeição, o afeto e seus desdobramentos.

O que queremos é propor uma nova maneira de agir e pensar com base naquilo que agora chamamos de lógica dos afetos. Esta nova maneira de pensar não substitui as metodologias pedagógicas, mas seria mais um componente dessa prática. Enxergar antes e sempre a relação que se estabelece entre quem ensina e quem aprende para daí constituir o trabalho pedagógico.

## Conclusão

“É o ambiente circundante que torna possível o crescimento da criança (...). Isso significa que todo aquele que cuida de uma criança deve conhecê-la e trabalhar com base numa relação viva e pessoal com o objeto de seus cuidados, e não aplicando mecanicamente um conhecimento teórico” (WINNICOTT, 2005, p.45).

A experiência que vivemos foi decisiva para consolidar o que já era uma impressão. Há que se considerar que houve uma pré-disposição de nossa parte para que essa experiência ocorresse. Todavia essa disposição não é peculiaridade de alguns ou habilidade especial. Cada um com um pouco mais de atenção e auto-investigação poderá perceber seus afetos e afeições.

Num tempo como o nosso em que o modelo hierárquico de relação professor-aluno apresenta inúmeras dificuldades e a oposição e o enfrentamento estão estabelecidos dentro do ambiente da sala de aula, queremos uma nova atitude em especial por parte das professoras e professores. Uma atitude atenta aos olhares, gestos e expressões, às interações. Tal postura tem o intuito de extrair elementos que possam abrir novos acessos a quem ensina e também a quem aprende simultaneamente. A movimentação constante das relações pode proporcionar mais uma forma de comunicação e ainda mais constituir a amizade como prática no cotidiano.

Assim como nosso encontro inesperado e surpreendente, o encontro com aquela pequena menininha na escola, a afecção está nas pessoas e pode acontecer a qualquer tempo. Ela faz parte do nosso cotidiano e nós podemos e devemos desejar ser atravessados por ela. Permitir que se produzam em nós outras impressões, estranhamentos e mudanças que nos conduzam a uma prática preenchida de emoção que nos ligue às pessoas com quem lidamos no cotidiano em especial, às crianças.

Toda essa nossa vivência contou com uma trilha sonora que em vários momentos reverberou em nossa mente:



***Minha Herança: Uma Flor***

*Vanessa da Mata*

*Achei você no meu jardim entristecido  
Coração partido  
Bichinho arredio  
Peguei você pra mim  
Como a um bandido  
Cheio de vícios  
E fiz assim, fiz assim:*

*Reguei com tanta paciência  
Podei as dores, as mágoas, doenças  
Que nem as folhas secas vão embora  
Eu trabalhei*

*Fiz tudo, todo o meu destino  
Eu dividi, ensinei de pouquinho  
Gostar de si, ter esperança e persistência sempre*

*A minha herança pra você é uma flor  
Um sino, uma canção, um sonho  
Nenhuma arma ou pedra eu deixarei*

*A minha herança pra você é o amor  
Capaz de fazê-lo tranquilo, pleno  
Reconhecendo no mundo o que há em si*

*E hoje nos lembramos sem nenhuma tristeza  
Dos foras que a vida nos deu  
Ela com certeza  
Estava juntando você e eu*

*Achei você no meu jardim*

## **Bibliografia**

**ALVES, Rubem. A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir, Campinas, SP: Papyrus, 2001.**

\_\_\_\_\_. **Ao professor com meu carinho, SP: Verus, 2004.**

**GLEIZER, M.: Espinosa e a Afetividade Humana, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.**

**MACEDO, Heitor O' Dwyer de. Do amor ao pensamento: a psicanálise, a criação da criança, São Paulo: Via Lettera, 1999.**

**MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.**

**WINNICOTT, Donald W. A família e o desenvolvimento individual, São Paulo: Martins Fontes, 2005.**

Faryano

Me-Deiros

Fichon-Riviere.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH  
Escola de Educação - EE

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Elizabeth Alves Teixeira

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: A construção do vínculo afetivo: um estudo de caso

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

### FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

#### PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: rita maria manso de barros

Nota: 8,5 (oito e cinco)

Considerações:

Monografia cujo tema destaca a sensibilidade do professor ao lidar com crianças. A aluna deixa claro seu envolvimento e suas conquistas no percurso acadêmico. A orientação segura da professora Sandra possibilitou, sem dúvida, o bom desempenho da aluna.

DATA: 14/07/2009 Assinatura: R Manso

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Andra Elberaz de Medeiros

Nota: 9,0

Considerações:

O Tema escolhido demonstra sensibilidade, tônica do texto monográfico apresentado. A questão do vínculo afetivo merece ser valorizada. Esta temática é discutida a partir da experiência intensa vivida em campo pela aluna. Este trabalho ganha um caráter visceral em sua exposição viva.

Há que se trabalhar e reparar as articulações teórico-práticas para uma futura investigação em nível de pós-graduação.

Data: 14.07.09

Assinatura: Andra Medeiros

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,5	9,0	8,75

Rio de Janeiro, 14 de julho de 2009.

Andra Medeiros  
Prof. Orientador